

Resumo: O artigo propõe refletir sobre a maneira de educar para valores em tempos de neoliberalismo, de globalização, de livre mercado, de pobreza e desigualdade crescentes e de uma profunda crise ética. Procurando esclarecer as causas e consequências da crise moral e ética na qual estamos mergulhados em nossos dias, o texto se propõe a apontar como possibilidade de superação da crise moral a aposta em uma educação pautada em valores. Não, porém, em quaisquer valores, mas naqueles genuinamente evangélicos e, de modo particular, segundo a espiritualidade e pedagogia inspiradas na experiência espiritual de Santo Inácio de Loyola.

Abstract: The article discusses the way of educating for values in times of liberalism, globalization, free market, growing poverty and inequality and of a profound ethical crisis. Trying to elucidate the causes and consequences of the moral and ethic crisis in which we are plunged in our days, the paper proposes to point out as a possibility of surmounting the moral crisis an education directed to values. Not any values, of course, but those genuinely evangelical and, in an especial way, according to the spirituality and pedagogy inspired in the spiritual experience of Saint Ignatius of Loyola.

Uma Proposta de Ensino pautada em Valores

*José Eduardo Martins**

* O autor é padre jesuíta, pós-graduado no Curso de Especialização em Gestão da Educação: Supervisão, Orientação e Administração Escolar, pela Faculdade de Educação da PUC-RS e professor do Colégio Catarinense, Florianópolis, SC.



Introdução

Partindo da realidade que se apresenta complexa em seu conjunto, o mundo atual parece estar vivendo uma crise ética e de busca de padrões morais como reação diante de efeitos desintegradores provocados pelo individualismo e pela racionalidade instrumental que moveu o processo da modernidade. Essa crise ética é essencialmente uma crise de valores, como referenciais de sentido. A sensação é de um vazio que procura ser preenchido com soluções paliativas que não conseguem atingir a raiz da crise. Nesse contexto de vazio ético, surge a proposta neoliberal como solução que não é apenas uma proposta econômica, mas muito mais uma concepção antropológica, de ser humano. Segundo Roque Junges (1997, p. 227):

A proposta neoliberal apresenta-se como novo referencial de sentido. Converte-se em legitimador moral de atividades questionáveis. O mercado passa a definir o sentido da vida e da realização humana. O ser humano é valorizado unicamente por sua capacidade de gerar rendas, consumir, obter êxito no mercado. Esse sistema de valores propaga-se por símbolos ambíguos com grande capacidade de sedução. Nesse contexto de crise ética e do surgimento de soluções e propostas falseadoras do ser humano, mais do que nunca é necessário preocupar-se com uma educação pautada em valores, que contribua efetivamente para a realização integral do ser humano, para a formação de atitudes éticas e que não seja mera transmissão de conhecimento.

A crise dos fundamentos da ética no atual contexto planetário situa-se numa crise geral dos fundamentos da certeza. Para Morin (2005, p. 27), “a tentativa de Kant, com vistas a definir o imperativo categórico como um imperativo da razão e a dar-lhe um fundamento absoluto racional, deve ser considerada um fracasso”.

Além disso, tal crise ética se tornou, ao mesmo tempo, produto e produtora de algumas circunstâncias. Dentre estas, destacamos o aumento da deterioração do tecido social; o enfraquecimento do espírito comunitário e das leis coletivas; a dissolução e enfraquecimento das responsabilidades, decorrendo da burocratização das organizações e empresas; o isolamento cada vez maior do indivíduo dentro da sociedade atual; o exacerbado princípio egocêntrico em detrimento do princípio altruísta e a valorização idolátrica do dinheiro.



1 Crise dos valores

Neste cenário, as fontes da ética acabam por secar. O desenvolvimento do individualismo conduz ao nihilismo, que produz sofrimento. A nostalgia do espírito comunitário, a perda dos fundamentos, o desaparecimento do sentido da vida e a angústia resultante de tais fatos podem acarretar a volta aos antigos fundamentos comunitários nacionais, étnicos, religiosos que trazem certa segurança psíquica e ética num mundo sem referências sólidas. Verifica-se, de outra parte, que uma parcela de nossas juventudes, em decorrência da desintegração do tecido social e da perda de referenciais éticos e comunitários, tende a recriar grupos, gangues, bandos que possam suprir a lacuna deixada pelo individualismo atual. Esses grupos ou gangues juvenis e o retorno a referenciais religiosos revelam, cada um a sua maneira, uma crise ética. Tal crise tornou-se visível nos últimos anos, com o surgimento da própria necessidade de uma ética global. A ética, isolada, não tem mais um fundamento anterior ou exterior que a possa justificar, embora ainda permaneça no indivíduo como aspiração ao bem ou repulsa ao mal. Tornou-se, a ética, em nossos dias, uma necessidade imperiosa, uma emergência, sendo que é no indivíduo que se situa a decisão ética. Cabe ao sujeito individual, nos dias atuais, a escolha consciente dos valores a seguir.

A ética tem fontes, raízes, e está presente como sentimento do dever, da obrigação moral. Apesar de que a ética só tenha a si mesma como fundamento, este depende da vitalidade do circuito indivíduo/espécie/sociedade, cujo desempenho depende da vitalidade ética. Morin (2005, p. 21) afirma que “o ato moral é um ato de religação: com o outro, com uma comunidade, com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana”.

A crise ética de nossa época é crise desta religação, desta necessidade de vincular o indivíduo novamente consigo, com os outros e com a natureza (recordemos a ecologia integral proposta pelo papa Francisco na “Laudato sí”), revitalizando nossa capacidade de viver em sociedade de um modo sobretudo cooperativo, e não somente competitivo. A cooperação entre nós é sem dúvida o único modo de organização social capaz de fortalecer aqueles vínculos comunitários que possibilitaram até hoje nossa sobrevivência como espécie, ao passo que o modo competitivo de viver em sociedade acabará por nos alienar uns dos outros. Importa refundar a ética. Uma ética cujo princípio seja a cooperação e não a competição.



2 Ganhar a vida – perdê-la

Começamos a perceber que “ganhar a vida” pode significar também “perdê-la” (cf. Mc 8,35), que as satisfações materiais se fazem acompanhar por vezes de insatisfações espirituais, que a busca desordenada da realização do bem-estar exterior suscita um mal-estar interior, e que o crescimento em quantidade pode determinar diminuição em qualidade. Que as atividades podem ser apenas expressão do ativismo, que a ação tende para a agitação, que sob certos aspectos as diversões e o lazer nos desviam das nossas verdadeiras necessidades. Um vazio surge em cada um. Cresce o desejo de reencontrar a alma, curá-la de uma ausência profunda, colocar em harmonia o espírito e o corpo; recorre-se ao terapeuta, ao psicanalista, ao psicólogo, ao guru.

Como viver a vida? Este questionamento ressurgue cada vez com maior insistência. Nosso vazio não seria uma falta de sabedoria? Não se deveria voltar à ideia de “sabedoria”, herdada do pensamento antigo e bíblico e esquecida nos tempos modernos? Uma ética da vida pode identificar-se com uma vida de sabedoria? O que seria esta sabedoria?

Se definimos o ser homem e o ser mulher somente pela noção de *homo sapiens*, a afetividade aparece como supérflua, parasita, perturbadora. A loucura e o delírio aparecem como carências patológicas que alteram o fundo racional sadio da natureza humana. A sabedoria identifica-se, neste caso, como prudência, uma arte de viver pela qual a razão governa dominando ou eliminando as paixões, essas fontes de ilusão e delírio. Essa sabedoria está ligada à ideia, difundida durante muito tempo, de que o exercício pleno da razão eliminaria por si mesmo a afetividade. Porém, conforme nos atesta Odile Jacob (2003, p. 23), “todas as atividades racionais da mente são acompanhadas de afetividade”. Esta afetividade, ao mesmo tempo em que é capaz de imobilizar a razão, é também a única capaz de mobilizá-la. A partir disso, a ideia de sabedoria se complexifica. Não mais elimina a afetividade, porém a integra. Sabemos que a paixão pode cegar, mas também que ela pode iluminar a razão se esta reciprocamente a ilumina. Precisamos de inteligência racional, mas também de afetividade, simpatia, compaixão.

3 Pedagogia inaciana

Nesse sentido, a pedagogia inaciana, nascida do carisma de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus (1491-1556), é uma proposta pedagógica que objetiva promover essencialmente um processo



de crescimento humano e espiritual. Esta proposta pedagógica pode trazer uma contribuição valiosa para uma educação pautada em valores. A espiritualidade inaciana, fonte da pedagogia inaciana, está presente originalmente nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio. Eles são um processo pedagógico-espiritual de *liberdade interior*, para mais *responsabilizar-se* pela vida diante de Deus, e de *discernimento interior*, para *buscar e encontrar a vontade de Deus* sobre esta mesma vida (princípio de fundamento). Para isso, é necessário *conhecer a dinâmica do mundo e ordenar seus afetos* (primeira semana); assim, a pessoa insere-se neste mundo no *seguinte de Cristo que convoca para a missão numa atitude de disponibilidade* (segunda semana); essa disponibilidade é assumida no *despojamento da cruz* (terceira semana) e na *certeza da vitória do Ressuscitado* (quarta semana). Dessa maneira, *vai-se encontrar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus* (contemplação para alcançar o amor, cf. livro dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola).

A dinâmica dos *Exercícios Espirituais* oferece elementos interessantes para uma educação pautada em valores. Por isso, pode-se falar de uma concepção pedagógica inaciana, veiculada pelas *características da Educação da Companhia de Jesus* (Coleção Documenta S. J., 1998). As várias características apresentadas neste documento apontam para uma educação integral que engloba a interiorização de valores. Em síntese, podemos dizer que esta pedagogia ajuda na formação total de cada indivíduo dentro da comunidade humana (nn. 25-33); insiste no cuidado e interesse individual com cada pessoa (nn. 42-44); enfatiza a atividade por parte do aluno (nn. 45); estimula a abertura ao crescimento permanente (nn. 51-53); incentiva um conhecimento realista do mundo em que vivemos (nn. 57-58); propõe Cristo como modelo de vida humana (nn. 61-62); é uma preparação para um compromisso na vida ativa (n. 73); pretende formar homens e mulheres solidários e comprometidos com um mundo mais justo (nn. 74-84); manifesta preocupação especial com os pobres (nn. 85-90); busca a excelência em sua ação formativa (nn. 107-115).

O desenvolvimento pessoal, por meio da formação do caráter e da vontade, a superação do egoísmo, da falta de preocupação com os outros e o desenvolvimento de uma liberdade que respeita a outra pessoa em sua singularidade, são ajudados pelos regulamentos escolares justos e necessários; estes incluem um bom sistema disciplinar. Igualmente importante é a autodisciplina que se espera de cada aluno, manifestada no rigor intelectual, na aplicação assídua a um estudo sério e na conduta



para com os demais nos quais reconhece a dignidade (*Características da Educação da Companhia de Jesus, nn. 51-52*).

Conclusão

A dimensão educacional em nossos dias requer respostas novas frente a uma realidade social cambiante. Diante deste desafio, velhos paradigmas estão cedendo lugar a novas abordagens da realidade, vista como complexa, dinâmica e inacabada. A principal tarefa educacional hoje é ensinar as pessoas a viverem juntas. O ser e o saber humano, atualmente fragmentado, isolado e tratado diferenciadamente por cada especialista como se fosse um objeto, termina por não encontrar a si mesmo em sua totalidade. Curam-se as partes, mas o todo permanece enfermo. À educação cumpre, pois, papel de totalidade. Mais que pedagogia, ela implica múltiplas e diversificadas tarefas, sempre abertas e, portanto, ilimitadas.

Bibliografia

A PEDAGOGIA INACIANA rumo ao século XXI. 2º Congresso Inaciano de Educação. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. Educação S.J. subsídios. Coleção Documenta S.J. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JUNGES, Roque José. *Segundo Congresso Inaciano de Educação. Educação para valores no Contexto Neoliberal*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

LÉVY, Pierre. *Biologie de la Conscience*. Paris: Odile Jacob, 2003.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa, 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *Método 6. Ética*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Endereço do Autor:

Colégio Catarinense

Rua Esteves Júnior, 711

CEP: 88015-130 Florianópolis, SC

E-mail: martisjr2003@yahoo.com.br